

**Richard Johnson  
Ana Carolina Escosteguy  
Norma Schulman**

Organização e traduções:  
Tomaz Tadeu da Silva

**O que é, afinal,  
Estudos Culturais?**

CRÉDITOS

Richard Johnson. "What is cultural studies anyway?". *Social Text*, 16, 1986-87: pp. 38-80. (Publicado aqui com a autorização do autor).

Ana Carolina Escosteguy. "Uma introdução aos Estudos Culturais". *FAMECOS - Mídia, cultura e tecnologia*, 9, 1998. (Publicado aqui com a autorização da autora).

Norma Schulman. "Conditions of their Own Making: An Intellectual History of the Centre for Contemporary Cultural Studies at the University of Birmingham". *Canadian Journal of Communication*, 18(1), 1993. (Internet: <http://www.cjc-online.ca/BackIssues/18.1/schulman.html>). (Publicado aqui com a autorização da revista).

2a Edição

Autêntica  
Belo Horizonte 2000

---

## **Estudos Culturais: uma introdução**

**Ana Carolina Escosteguy**

---

Este trabalho tem por objetivo apresentar a tradição dos Estudos Culturais<sup>1</sup>, especialmente para aquelas pessoas que se iniciam no estudo das teorias da comunicação. Assim, é preciso percorrer a trajetória desta tradição, dos seus antecedentes até os contornos que este campo de estudos assume na atualidade. Ressalta-se que, neste momento, esta incursão é apenas brevemente delineada devido ao propósito inicial deste texto, embora estejam indicadas inúmeras referências bibliográficas que servem de pistas para preencher as lacunas deste percurso.

É necessário estabelecer, também, um recorte dentro deste vasto empreendimento diversificado e controverso dos Estudos Culturais. Nossa discussão limita-se a recuperar posições e trabalhos que lidam com a relação cultura/comunicação massiva e, dentro desta, aqueles que enfocam produtos da cultura popular (considerados através da categoria "texto"<sup>2</sup>) e suas audiências.

Se originalmente os Estudos Culturais foram uma invenção Britânica, hoje, na sua forma contemporânea, transformaram-se num fenômeno internacional. Os Estudos Culturais não estão mais confinados à Inglaterra nem aos Estados Unidos, espalhando-se para a Austrália, Canadá, África, América Latina, entre outros territórios. Isto não significa, no entanto, que exista um corpo fixo de conceitos que possa ser transportado de um lugar para o outro e que opere de forma similar em contextos nacionais ou regionais diversos.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Em geral, neste texto, refiro-me aos Estudos Culturais da tradição britânica.

<sup>2</sup> Os Estudos Culturais difundiram o conceito de "texto" com uma abrangência que vai além das grandes obras, para incluir também a cultura popular e as práticas sociais cotidianas.

<sup>3</sup> Sobre a "internacionalização" ou "globalização" dos Estudos Culturais, ver, por exemplo, DURING, 1993; MORLEY e CHEN, 1996; ANG e MORLEY, 1989.

Entretanto, as peculiaridades do contexto histórico britânico, abrangendo da área política ao meio acadêmico, marcaram indelevelmente o surgimento deste movimento teórico-político. Originalmente, na Inglaterra, os Estudos Culturais ressaltaram os nexos existentes entre a investigação e as formações sociais onde aquela se desenvolve, isto é, o contexto cultural onde nos encontramos.<sup>4</sup>

Neste momento, nosso objetivo é esboçar apenas alguns traços de sua trajetória histórica.<sup>5</sup> 5 Em

---

<sup>4</sup> Ver, por exemplo, DAVIES, 1995; ANG e MORLEY, 1989; BARKER e BEEZER, 1994; HALL, HOBSON, LOWE e WILLIS, 1980.

<sup>5</sup> Aponta-se como precursora dos Estudos Culturais uma problemática de estudos conhecida como "Cultura e Sociedade" que surge em torno de 1870, na Inglaterra. Reúne autores tão distintos como Mathew Arnold, John Ruskin e Williams Morris. Entretanto, os três compartilham uma atitude negativa em relação à sociedade moderna. Estigmatizam o século XIX como aquele onde triunfou o "mau gosto" da "sociedade de massa" e a "pobreza de sua cultura". Estes intelectuais, entre outros, se adiantam nas críticas contra as conseqüências culturais do advento da civilização moderna. A sociedade vitoriana está naquele momento na vanguarda no que diz respeito ao nascimento das formas culturais vinculadas ao sistema industrial. Já na segunda metade do século XIX se travam as primeiras discussões em torno da regulação de um tipo de atividade como a da publicidade, sendo que foi na Inglaterra que surgiram as primeiras críticas em relação à cultura industrializada. (MATTELART e NEVEAU, 1997). No período entre as duas guerras, Frank Raymond Leavis (1895-1978) passa a ser uma figura central na promoção de estudos de literatura inglesa. Funda em 1932 a revista *Scrutiny*, que se converte no centro de uma cruzada moral e cultural contra o embrutecimento praticado pelos meios de comunicação e pela publicidade. O movimento liderado por Leavis propunha a leitura da grande tradição da ficção inglesa como antídoto para atacar a degeneração da cultura. No ensino, adverte-se aos alunos contra a força manipuladora da publicidade e a pobreza lingüística da imprensa popular. Estes movimentos no âmbito da literatura inglesa são vistos enquanto um ambiente propício para o surgimento dos Estudos Culturais.

primeiro lugar deve-se acentuar o fato de que os Estudos Culturais devem ser vistos tanto sob ponto de vista político, na tentativa de constituição de um projeto político, quanto sob ponto de vista teórico, isto é, com a intenção de construir um novo campo de estudos. Sob o ponto de vista político, os Estudos Culturais podem ser vistos como sinônimo de "correção política",<sup>6</sup> podendo ser identificados como a política cultural dos vários movimentos sociais da época de seu surgimento. Sob a perspectiva teórica, refletem a insatisfação com os limites de algumas disciplinas, propondo, então, a interdisciplinaridade.

"Os Estudos Culturais não configuram uma "disciplina", mas uma área onde diferentes disciplinas interagem, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade" (HALL et al., 1980, p. 7). A área, então, segundo um dos seus promotores, não se constitui numa nova disciplina, mas resulta da insatisfação com algumas disciplinas e seus próprios limites. É um campo de estudos onde diversas disciplinas se interseccionam no estudo de aspectos culturais da sociedade contemporânea.

Em análises que tentam mapear o centro de atenção deste campo, encontramos a seguinte avaliação:

Os Estudos Culturais constituem um campo interdisciplinar onde certas preocupações e métodos convergem; a utilidade dessa convergência é que ela nos propicia entender fenômenos e relações que não são acessíveis através das disciplinas existentes. Não é, contudo, um campo unificado. (TURNER, 1990, p. 11)

---

<sup>6</sup> Adoto, aqui, a observação de JAMESON, Fredric, 1994.

Entretanto, é preciso ressaltar que, na sua fase inicial, os fundadores desta área de pesquisa tentaram não propagar uma definição absoluta e rígida de sua proposta. Nas palavras de Stuart Hall, o órgão de divulgação do Centro - Working Papers in Cultural Studies<sup>7</sup> - não deveria preocupar-se em "... ser um veículo que defina o alcance e extensão dos Estudos Culturais de uma forma definitiva ou absoluta. Nós rejeitamos, em resumo, uma definição descritiva ou prescritiva do campo". (HALL, 1980, p. 15)

Este campo de estudos surge, então, de forma organizada, através do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), diante da alteração dos valores tradicionais da classe operária da Inglaterra do pós-guerra. Inspirado na sua pesquisa, "As utilizações da cultura" (1957), Richard Hoggart funda, em 1964, o Centro. Este surge ligado ao Departamento de Língua Inglesa da Universidade de Birmingham, constituindo-se num centro de pesquisa de pós-graduação dessa mesma instituição. As relações entre a cultura contemporânea e a sociedade, isto é, suas formas culturais, instituições e práticas culturais, assim como suas relações com a sociedade e as mudanças sociais compõem seu eixo principal de pesquisa.

Na realidade, são três os textos, surgidos no final dos anos 50, que estabeleceram as bases dos Estudos Culturais: Richard Hoggart com *The uses of literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and society* (1958) e E. P. Thompson com *The making of the english working-class* (1963).

O primeiro é, em parte, autobiográfico e, em parte, história cultural do meio do século XX. O segundo constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a idéia de que a "cultura comum ou ordinária" pode

ser vista como um modo de vida em condições de igualdade de existência com qualquer outro. E o terceiro reconstrói uma parte da história da sociedade inglesa.

Interessa, especialmente, para este estudo, a pesquisa realizada por Hoggart<sup>8</sup>, através da metodologia qualitativa, na medida em que seu foco de atenção recai sobre materiais culturais, antes desprezados, da cultura popular e do *mass media*. Esse trabalho inaugura a perspectiva que argumenta que no âmbito popular não existe apenas submissão mas, também, resistência, o que, mais tarde, será recuperado pelos estudos de audiência dos meios massivos<sup>9</sup>. No entanto, o tom nostálgico aflora em relação a uma cultura orgânica da classe trabalhadora.

A contribuição teórica de Williams<sup>10</sup>, a partir de *Culture and Society*, é fundamental para os Estudos Culturais. Através de um olhar diferenciado sobre a história literária, ele mostra que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto a análise literária quanto a investigação social. Seu livro *The long revolution* (1962) avança na demonstração da intensidade do debate contemporâneo sobre o impacto cultural dos meios

---

<sup>8</sup> Hoggart nasceu em 1918, passando sua infância em seu meio de origem: o meio operário. No final da II Guerra entra para a docência. Trabalha com formação de adultos do meio operário (*Worker's Education Association*). Influenciado por Leavis e pela revista *Scrutiny*, acaba afastando-se por dedicar-se às culturas populares de um modo mais condescendente. Fundador do Centro (CCCS), hoje se encontra, de certa forma, distante das evoluções político-intelectuais dos Estudos Culturais dos anos noventa.

<sup>9</sup> Aqui, é utilizada a edição portuguesa, *As utilizações da cultura - aspectos da vida cultural da classe trabalhadora*, v. I e II. Lisboa: Editora Presença, 1973.

<sup>10</sup> Williams nasceu no País de Gales (1921-1988), filho de um ferroviário. No final da II Guerra passa a ser tutor na Oxford University Delegacy for Extramural Studies, devido à sua formação em literatura. A partir de 1958, quando publica *Culture and society*, dá vazão à sua produção intelectual. Sua posição teórica será sintetizada em *Marxism and literature* (1977), quando reivindica a construção de um "materialismo cultural".

---

<sup>7</sup> Seu primeiro número apareceu em 1972.

massivos, mostrando um certo pessimismo em relação à cultura popular e aos próprios meios de comunicação de massa.

É o próprio Stuart Hall quem avalia a importância deste texto:

Ele mudou toda a base da discussão: de uma definição lítero-moral para uma definição antropológica da cultura. Mas definia a última agora como o "processo inteiro" por meio do qual os significados e definições são socialmente construídos e historicamente transformados, com a literatura e a arte como sendo apenas um tipo de comunicação social - especialmente privilegiado. (HALL e TURNER, 1990, p. 55)

Em relação à contribuição de Thompson<sup>11</sup>, pode-se dizer que este influencia o desenvolvimento da história social britânica, de dentro da tradição marxista. Para ambos, Williams e Thompson, a cultura era uma rede de práticas e relações que constituíam a vida cotidiana dentro da qual o papel do indivíduo estava em primeiro plano. Mas, de certa forma, Thompson resistia ao entendimento de cultura enquanto uma forma de vida global. No seu lugar, preferia entendê-la enquanto uma luta entre modos de vida diferentes.

Sobre a importante participação de Stuart Hall<sup>12</sup> na formação dos Estudos Culturais, avalia-se que este, ao

---

<sup>11</sup> Thompson (1924-1993) inicia sua vida como docente de um centro de educação permanente para adultos (WEA). Foi militante do Partido Comunista, mas em 1956 rompe com o partido, convertendo-se num dos fundadores da *New Left Review*.

<sup>12</sup> De origem jamaicana, Hall (1932) deixou a Jamaica em 1951 para prosseguir seus estudos na Inglaterra. Inicia a docência em 1957, numa

substituir Hoggart na direção do Centro, de 1969 a 1979, incentivou o desenvolvimento de estudos etnográficos, as análises dos meios massivos e a investigação de práticas de resistência dentro de subculturas. Tem uma abundante produção de artigos, sendo que sua reflexão faz parte da maioria dos *readers* sobre Estudos Culturais, sejam eles publicados pelo próprio Centro ou não.

A proposta original dos Estudos Culturais é considerada por alguns como mais política do que analítica. Embora sustentasse um marco teórico específico - amparado principalmente no marxismo - a história deste campo de estudos está entrelaçada com a trajetória da *New Left*, de alguns movimentos sociais (*Worker's Educational Association, Campaign for Nuclear Disarmament*) e de publicações (entre elas, a *New Left Review*) que surgiram em torno de respostas políticas à esquerda.

Mais tarde, no período pós-68, os Estudos Culturais transformaram-se numa força motriz da cultura intelectual, de esquerda. Assim, enquanto movimento intelectual tiveram um impacto teórico e político que foi além dos muros acadêmicos, pois, na Inglaterra, constituíram-se numa questão de militância e num compromisso com mudanças sociais radicais.

## OS DESLOCAMENTOS NECESSÁRIOS

De forma sintética, é preciso apontar as rupturas e incorporações mais importantes que contribuíram na construção da perspectiva teórica e das principais problemáticas desta tradição. Aproximando-se do vasto

---

escola secundária, onde os alunos vêm das classes populares. Tem uma forte atuação junto ao meio editorial político-intelectual britânico, como, por exemplo, na *Universities and Left Review* (década 50/60), *Marxism Today* (anos 80), *Sounding* (a partir de 1995), entre outras. A partir de 1979, atua na Open University, em Londres.

campo das práticas sociais e dos processos históricos, os Estudos Culturais preocuparam-se, em primeira mão, com os produtos da cultura popular e dos *mass media* que expressavam os rumos da cultura contemporânea. Tentaram redescobrir outras tradições teóricas sociológicas, deixando de lado o funcionalismo estrutural norte-americano, pois este não dava conta de compreender as temáticas propostas. Acompanhando um movimento de resgate, iniciado dentro mesmo da sociologia (na Inglaterra do período em foco), foram sendo recuperadas, entre outras aproximações, as perspectivas da fenomenologia, da etnometodologia e do interacionismo simbólico.

Do ponto de vista metodológico, a ênfase recaiu, mais tarde, no trabalho qualitativo. Este exerceu uma forte influência na formação dos Estudos Culturais. A escolha por trabalhar emogracamente deve-se ao fato de que o interesse incide nos valores e sentidos vividos. O estudo etnográfico acentua a importância dos modos pelos quais os atores sociais definem, por si mesmos, as condições em que vivem<sup>13</sup>.

Com a extensão do significado de cultura - de textos e representações para práticas vividas -, considera-se em foco toda produção de sentido. O ponto de partida é a atenção sobre as estruturas sociais (de poder) e o contexto histórico enquanto fatores essenciais para a compreensão da ação dos meios massivos, assim como o deslocamento do sentido de cultura da sua tradição elitista para as práticas cotidianas.

Então, o primeiro deslocamento vai no sentido de uma nova formulação do sentido de cultura:

---

<sup>13</sup> O recorte da investigação das culturas populares e das audiências implementou este tipo de estratégia metodológica. Ver, por exemplo, capítulo sobre etnografia em Hall et alii, 1980.

Falando de forma ampla, dois passos estavam aqui envolvidos. Em primeiro lugar, o movimento (para dar-lhe uma especificação bem sintética) em direção a uma definição "antropológica" de cultura - como prática cultural; em segundo lugar, o movimento em direção a uma definição mais histórica de prática cultural -, questionando o significado antropológico e sua universalidade por meio dos conceitos de formação social, poder cultural, dominação e regulação, resistência e luta. Esses movimentos não excluíam a análise de textos, mas tratava-os como arquivos, descentrando seu status supostamente privilegiado - apenas um tipo de dado, entre outros. (HALL, 1980, p.27)

Os Estudos Culturais atribuem à cultura um papel que não é totalmente explicado pelas determinações da esfera econômica. A relação entre o marxismo e os Estudos Culturais inicia-se e desenvolve-se através da crítica de um certo reducionismo e economicismo daquela perspectiva, resultando na contestação do modelo base-superestrutura. A perspectiva marxista contribuiu para os Estudos Culturais no sentido de compreender a cultura na sua "autonomia relativa", isto é, ela não é dependente das relações econômicas, nem seu reflexo, mas tem influência e sofre consequências das relações político-econômicas. Como argumentava Althusser, existem várias forças determinantes - a econômica, a política e a cultural - competindo e em conflito entre si, compondo aquela complexa unidade que é a sociedade.

A questão da relação, em formações sociais definidas, entre práticas culturais e outras práticas, isto é, a relação entre o cultural e o econômico, o político e as instâncias ideológicas, pode ser considerada enquanto

um segundo deslocamento importante na construção desta tradição. A contribuição de Althusser neste sentido foi importante:

Grosseiramente, a inovação importante foi a tentativa de pensar a "unidade" de uma formação social em termos de uma articulação. Isto colocou as questões da "autonomia relativa" do nível cultural-ideológico e num novo conceito de totalidade social: totalidades como estruturas complexas. (HALL, 1980, p. 32)

Outra incorporação, extremamente cara a este campo, diz respeito ao conceito de ideologia, proposto por Althusser. Essa (a ideologia) é vista enquanto "provedora de estruturas de entendimento através das quais os homens interpretam, dão sentido, experienciam e 'vivem' as condições materiais nas quais eles; próprios se encontram" (HALL, 1980, p.32). Além disso, a ideologia deve ser examinada "não só na linguagem, nas representações mas, também, nas suas formas materiais - nas instituições e nas práticas sociais através das quais nós organizamos e vivemos nossas vidas" (TURNER, 1990, p. 26).

Nesta primeira etapa dos Estudos Culturais, ainda plenamente concentrada na Escola de Birmingham, a pesquisa estava delimitada, principalmente, nas seguintes áreas: as subculturas, as condutas desviantes, as sociabilidades operárias, a escola, a música e a linguagem. "É através da conversão mais explícita em problemática dos desafios vinculados à ideologia e aos vetores de um trabalho hegemônico, que os meios de comunicação social, especialmente os audiovisuais (aos quais se havia dedicado até o momento um interesse acessório), chegam a ocupar paulatinamente um lugar destacado" (MAITELART e

NEVEAU, 1997, p.122) enquanto temática deste campo de estudos.

Discordando do entendimento dos meios de comunicação de massa como simples instrumentos de manipulação e controle da classe dirigente, os Estudos Culturais compreendem os produtos culturais como agentes da reprodução social, acentuando sua natureza complexa, dinâmica e ativa na construção da hegemonia.

Nesta perspectiva, são estudadas as estruturas e os processos através dos quais os meios de comunicação de massa sustentam e reproduzem a estabilidade social e cultural. Entretanto, isto não se produz de forma mecânica, senão se *adaptando* continuamente às pressões e às contradições que emergem da sociedade, e *englobando-as e integrando-as* no próprio sistema cultural.

A contribuição de Antonio Gramsci é, aqui, fundamental, pois mostra como a mudança pode ser construída dentro do sistema. A teoria da hegemonia gramsciana pressupõe a conquista do consentimento. O movimento de construção da direção política da sociedade pressupõe complexas interações e empréstimos entre as culturas populares e a cultura hegemônica.

Com isto, o que se quer dizer é que não existe um confronto bipolar e rígido entre as diferentes culturas. Na prática, o que acontece é um sutil jogo de intercâmbios entre elas. Elas não são vistas como exteriores entre si, mas comportando cruzamentos, transações, intersecções. Em determinados momentos, a cultura popular resiste e impugna a cultura hegemônica; em outros, reproduz a concepção de mundo e de vida das classes hegemônicas.

Quanto às linhas de pesquisa implementadas pelos Estudos Culturais, interessa-nos, sobretudo, aquela que se 'detém sobre o consumo da comunicação de massa enquanto lugar de negociação entre práticas

comunicativas extremamente diferenciadas e que será adiante comentada.

É claro que, aqui, relatamos de forma bastante sumária o espectro teórico proposto pelos Estudos Culturais, principalmente na década de 70, isto é, no seu período de afirmação. Referimo-nos apenas a pontos-chave que mostram a influência de diferentes teóricos.

De forma sintética, pode-se entender o Centro de Birmingham, da sua fundação ao início dos anos 80, como foco irradiador de uma plataforma teórica derivada de importações e adaptações de diversas teorias; como promotor de uma abertura a problemáticas antes desconsideradas, tais como as relacionadas às culturas populares e aos meios de comunicação de massa e, mais tarde, a abertura a questões vinculadas às identidades étnicas e sexuais; bem como divulgador de estudos bastante heterogêneos decorrentes da diversidade de referências teóricas, e da pluralidade das temáticas estudadas.

No final dos anos 70 e início dos anos 80, as coisas começam a mudar. Desponta a influência de teóricos franceses como Michel De Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros. Dá-se a internacionalização dos Estudos Culturais e tornam-se escassas as análises onde as categorias centrais são "luta" e "resistência" e, para alguns analistas, é o início da despolitização dos Estudos Culturais. A prolífica produção de balanços críticos, publicados a partir de 1990, aponta, em alguns casos, para a fragmentação e trivialização deste campo de estudos, embora seja possível detectar tanto aspectos estéreis quanto potencialidades na sua proposta de análise da dinâmica cultural contemporânea.

## CONTORNOS DA ATUALIDADE

E interessante notar as diferenças entre os "primeiros" Estudos Culturais e os dos anos 90. Identifica-se uma primeira fase embrionária que se inicia com os textos precursores, já citados, passando para a instalação do Centro de Birmingham e sua abundante produção até o final dos anos 70 e início dos anos 80, o que poderia se constituir numa etapa de consolidação; e uma terceira fase, de internacionalização, de meados dos anos 80 até os dias de hoje.

No primeiro momento, havia uma forte relação com iniciativas políticas, pois existia uma intenção de compartilhar um projeto político. Pretendia-se, também, uma relação com diversas disciplinas para a observação sistemática da cultura popular, assim como com diversos movimentos sociais.

Já na década de 90, há um relaxamento na vinculação política. O sentido de que se está analisando algo "novo" também não existe mais. Mas, ao contrário do que se possa pensar, existe, sim, uma continuidade, mesmo que fragmentada, nos Estudos Culturais. "É um projeto de pensar através das implicações da extensão do termo 'cultura' para que inclua atividades e significados da gente comum, precisamente esses coletivos excluídos da participação na cultura quando é a definição elitista de cultura a que governa" (BARKER e BEEZER, 1994, p. 12).

Retomando nosso foco de interesse mais específico, a relação cultura/comunicação massiva e, dentro desta, as problemáticas que enfocam as culturas populares e suas estratégias interpretativas, também se observam alterações no decorrer da trajetória dos Estudos Culturais.

No final dos anos 60, a temática da recepção e a densidade dos consumos mediáticos começam a chamar a atenção dos pesquisadores de Birmingham. Este tipo de reflexão acentua-se a partir da divulgação do texto "*Encoding and decoding in television discourse*", de Stuart Hall, publicado pela primeira vez em 1973.<sup>14</sup>

Através de categorias da semiologia articuladas a uma noção marxista de ideologia, Hall insiste na pluralidade, socialmente determinada, das modalidades de recepção dos programas televisivos. Argumenta, também, que podem ser identificadas três posições hipotéticas de interpretação da mensagem televisiva: uma posição "dominante" ou "preferencial", quando o sentido da mensagem é decodificado segundo as referências da sua construção; uma posição "negociada", quando o sentido da mensagem entra "em negociação" com as condições particulares dos receptores; e uma posição de "oposição", quando o receptor entende a proposta dominante da mensagem mas a interpreta segundo uma estrutura de referência alternativa.

A preocupação com o momento da recepção continua sendo fundamental em relação com duas problemáticas mais amplas. Uma delas abrange o assunto do retorno ao sujeito, a subjetividade e a intersubjetividade, enquanto a outra se interessa pela integração das novas modalidades de relações de poder na problemática da dominação (MATTELART e NEVEAU, 1997, p. 122).

É dessa forma que se produz o encontro, durante os anos 70, com os Estudos Feministas. Estes propiciaram

---

<sup>14</sup> Mais tarde, é a vez de David Morley com "Texts, readers, subjects" (1977-1978).

novos questionamentos em torno de questões referentes à identidade, pois introduziram novas variáveis na sua constituição, deixando-se de "ler os processos de construção da identidade unicamente através da cultura de classe e sua transmissão geracional" (MATTELART e NEVEAU, 1997, p. 123). Mais tarde, acrescentam-se às questões de gênero aquelas que envolvem raça e etnia.

Em relação às pesquisas que envolvem questões de gênero, dentro mesmo do Centro de Birmingham, a publicação coletiva *Women take issue*, de 1978, revela essa disposição. Autoras como Charlotte Brundson, Marion Jordon, Dorothy Hobson, Christine Geraghty e Angela McRobbie revêem suposições do senso comum sobre os meios de comunicação, reivindicando que a audiência, no caso, feminina, tem autoridade sobre suas práticas de leitura.<sup>15</sup>

Na década de 80, definem-se novas modalidades de análise dos meios de comunicação. Multiplicam-se os estudos de recepção dos meios massivos, especialmente no que diz respeito aos programas televisivos.<sup>16</sup> Também há um redirecionamento no que diz respeito

---

<sup>15</sup> Outro livro que recupera textos dos anos 80 sobre a mesma temática - audiência feminina e meios massivos - é o organizado por Mary Ellen Brown, *Television and Women's culture - the politics of the popular*, Sage, 1990. Esse livro apresenta trabalhos de Dorothy Hobson, Ien Ang, Virginia Nightingale, John Fiske, Andrea L. Press, entre outros.

<sup>16</sup> Considerados "clássicos" entre os estudos de audiência dos Estudos Culturais estão: D. Morley (1980), *The nationwide audience*; do mesmo autor (1986), *Family television: cultural power and domestic leisure*; Dorothy Hobson (1982), *Crossroad: the drama of a soap opera*; David Buckingham (1987), *Public secrets: east enders and its audience*; Ien Ang (1985), *Watching Dallas: soap opera and the melodramatic imagination*; Bob Hodge e David Tripp, (1986) *Children and television: a semiotic approach*; Janice Radway (1987), *Reading the romance: women, patriarchy and popular literature*; John Tulloch e AJbert Moran (1986), *Quality soap: a country practice*.

aos protocolos de investigação. Estes passam a dar uma atenção crescente ao trabalho etnográfico.

Se até este momento o estatuto de classe ainda centralizava a reflexão sobre a diversidade de percepções nas estratégias interpretativas, ponto postulado inicialmente por Stuart Hall, algumas das pesquisas empíricas dessa época apontavam para a importância do ambiente doméstico e das relações dentro da família na formação das leituras diferenciadas.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> É o caso de D. Morley, entre outros. Ele desenvolveu uma pesquisa denominada Nationwide, publicada em 1980. Como continuação deste projeto, desenvolveu Family television, trabalho publicado em 1986. Nationwide é um estudo de audiência conduzido através de entrevistas em grupo, fora de suas residências, isto é, as pessoas estavam fora do contexto onde normalmente ocorre a assistência da televisão e a produção de significados a partir de seus conteúdos. Em Family television, o autor entrevistou famílias em suas próprias casas, pois é nesse contexto que se deve entender as particularidades das respostas individuais a diferentes tipos de programação. Na sua opinião, o ato de ver TV necessita ser entendido dentro da estrutura e da dinâmica do processo doméstico de consumo do qual ele é parte.

Comentando a seqüência destes dois estudos, Morley afirma que o ponto central concentra-se em pesquisar formas de recepção ou indiferença: "(...) esta é a questão fundamental a ser explorada mais do que a questão sobre qual interpretação as pessoas farão sobre um tipo dado de programa, se elas forem colocadas numa sala e perguntadas sobre sua interpretação. (...) E é por esta razão que a pertinência ou a projeção sobre diferentes tipos de programas em diferentes membros da família ou membros da família de diferentes escalas sociais foram priorizadas, nesta pesquisa Family television, sobre a questão das tendências de fazer leituras ou interpretações oposicionais, negociadas ou dominantes de tipos particulares de programas" (Morley, "Research development: from 'decoding' to viewing context", p. 137). Metodologicamente, Morley defende que, em primeiro lugar, deve se oferecer uma descrição adequadamente densa das complexidades desta atividade de "assistir TV", e que a perspectiva antropológica e etnográfica são de grande contribuição para alcançar este objetivo.

Retornando às diferenciações entre a fase de consolidação desta tradição e o momento atual, pode-se afirmar que naquela existia uma agenda fundamental que consistia na compreensão das relações entre poder, ideologia e resistência. Naquele período, desejava-se explorar o potencial para a resistência e a significação de classe. Já nos anos 90, a preocupação em recuperar as "leituras negociadas" dos receptores faz com que, de certa forma, se valorize a liberdade individual deste receptor e se subvalorize os efeitos da ordem social:

O centro de atenção na "resistência", com a implicação de uma oposição momentânea ou estratégica, foi substituído por uma ênfase no exercício do poder cultural como característica contínua da vida cotidiana. Na linguagem do pós-modernismo, poderíamos sugerir que uma intenção de compreender as "narrativas mestras" do conflito político foi substituída por

---

Sua sugestão é de que os estudos de audiência necessitam "investigar as formas pelas quais uma variedade de meios de comunicação (media) está envolvida na produção da cultura popular e do conhecimento do terreno da vida cotidiana" (Morley, "Towards an ethnography of the television audience", p.195) Além disso, o autor afirma que "(...) o desafio-chave reside na nossa habilidade de construir a audiência tanto como um fenômeno social como semiológico (cultural) e na nossa habilidade de reconhecer a relação entre os telespectadores e a TV como eles são mediados por determinações cotidianas e pelo envolvimento diário da audiência com todas as outras tecnologias, exercendo um papel na condução e mediação da comunicação cotidiana. É dentro deste extenso campo de estudo que a pesquisa qualitativa de audiência deve agora ser desenvolvida" (MORLEY, "Towards an ethnography of the television audience", p.197).

Ver, entre outros textos, MORLEY, D. "Towards an ethnography of the television audience"; "Research development: from 'decoding' to viewing context"; MORLEY, 1992; 1994; 1996a; 1996b; MARK, 1994.

CHEN, Kuan-Hsing. Post-Marxism: between/beyond critical postmodernism and cultural studies. Media, culture and society, 13, 1991, p. 35-51.

uma disposição a explorar aquelas histórias da produção ordinária de significados menos evidentes - e, na superfície, menos heróicas. (BARKER e BEEZER, 1994, p. 16).

Assim, a agenda original foi se transformando. No seu lugar, os Estudos Culturais assumiram o papel de "testemunha", dando voz aos significados que se fazem aqui e agora. Segundo Baker e Beezer (1994, p.25), os Estudos Culturais mudaram sua base fundamental, de maneira que o conceito de "classe" deixou de ser o conceito crítico central. Na melhor das hipóteses, ele passou a ser uma "variável" entre muitas, mas freqüentemente entendido, agora, como um modo de opressão, de pobreza; na pior das hipóteses, ele se dissolveu. Ao mesmo tempo, o centro de atenção principal deslocou-se para questões de subjetividade e identidade e para esses textos culturais e mediáticos que ocupam os domínios privado e doméstico e aos quais se dirigem. Simultaneamente, tem havido um deslocamento para uma metodologia que restringe a interpretação àqueles casos nos quais se vê os participantes capacitados e que tira a atenção das estruturas.

Simon During (1993), na introdução de uma coletânea sobre os Estudos Culturais avalia que, quando as identidades "classistas" se dissolvem ou são consideradas menos pertinentes pelos pesquisadores, buscam-se outros princípios de construção da identidade, tais como as matrizes da raça e do gênero, buscando-se sua relação com os meios de comunicação e com o consumo. Também Stuart Hall reconhece este redirecionamento no campo dos Estudos Culturais.

Embora as questões em torno da subjetividade e das identidades - temáticas em foco hoje nas análises culturais - tenham muitos aspectos relevantes, existem outros eixos importantes de serem avaliados, na etapa

presente dos Estudos Culturais. Entre eles estaria a discussão sobre a pós-modernidade ou a "Nova Era" (em inglês, New Times - tal como proposto por Hall), a globalização, a força das migrações e o papel do Estado-nação e da cultura nacional e suas repercussões sobre o processo de construção das identidades. No entanto, estes fogem do propósito deste trabalho de introdução aos Estudos Culturais.